

## CIÊNCIA, SABERES E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL – CAMINHOS DE UMA TROCA EFETIVA DE SABERES

Sara Oliveira de Castro Langsdorff <sup>1</sup>  
Marcos Flávio Portela Veras <sup>2</sup>

**RESUMO:** Tem sido cada vez mais crescente o interesse por entender os processos que envolvem as dinâmicas de ensino-aprendizagem num contexto de interculturalidade. O propósito dessa pesquisa é dar visibilidade ao encontro de saberes de quando indivíduos de outras matrizes culturais acessam o conhecimento científico. Por meio de uma revisão de literatura, observações participantes e aplicação de questionários foi possível extrair dados pertinentes para seus objetivos. Percebeu-se que há muitas possibilidades de enriquecimento quando conhecimentos tradicionais e ciência dialogarem, mas para isso os poderes hegemônicos do saber devem se abrir para novas e inovadoras soluções de enfrentamento das questões da existência.

**Palavras-chaves:** Ciência; Saberes; Educação; Interculturalidade.

### INTRODUÇÃO

O Brasil é um dos países com a maior pluralidade cultural do mundo, devido seus aspectos de extensão territorial e seu embaraçoso processo de colonização. No entanto, em caráter antagônico à pluralidade cultural brasileira, uma das suas principais marcas históricas foi a sobreposição dos povos colonizados pelos colonizadores, e inevitavelmente esse processo deixou cicatrizes sociais na coletividade, que fragmentam e causam a invisibilidade de determinadas culturas.

Atualmente, acerca dos direitos humanos vislumbra-se notório momento de sensibilização e promoção de garantias jurídicas para diversos setores hipossuficientes da sociedade. Entretanto, conforme destacado, o período colonial brasileiro foi precursor de um cenário antagônico e deletério que conserva, aos povos tradicionais, vestígios de estigmas sociais que ainda são contemporâneos aos dias de hoje.

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia. Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA. E-mail: saracastroped@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Antropologia Social. Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA. E-mail: marcos.veras@unievangelica.edu.br

Embora testemunhe-se amplo catálogo normativo de proteção dos direitos sociais de vários grupos minoritários, ainda existem minorias como é o caso das populações tradicionais, que necessitam fulcralmente da mudança do cenário de políticas públicas para que realmente ocorra a concretização da proteção legal gravada no arcabouço constitucional. Dessa forma, o objetivo do presente artigo é mapear a legislação que trata dos referidos povos e analisar a possível efetivação de seus direitos e os efeitos na sociedade.

Na esteira do projeto de pesquisa intitulado “Cultura, (in)visibilidade e transformação social” este plano de trabalho atua no sentido de mensurar o desafio dos direitos dos povos ou comunidades tradicionais para fomentar pesquisas científicas e ações extensionistas com vistas a promoção da dignidade humana. Por meio de uma revisão da literatura, analisando publicações em periódicos indexados, livros, documentos, e a legislação federal foi possível fazer um exercício investigativo na interface entre antropologia e direito, contribuindo na legitimidade de demandas e reivindicações das populações que permanecem na invisibilidade.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Para tanto, foi utilizada a metodologia da pesquisa qualitativa, com referência aos pressupostos da abordagem etnográfica, utilizando como instrumentos: observação sistemática e participante, entrevistas semiestruturadas, análise de trabalhos recentes na área. Observação sistemática e participante consiste em uma das técnicas de pesquisa do método etnográfico, no qual se busca o contato com o grupo em foco, no caso, os alunos advindos de outros países e culturas.

A participação se deu no âmbito da universidade, com observação das relações estabelecidas pelos sujeitos da pesquisa, a saber, os alunos pesquisados, que também são tratados como sujeitos, pois participarão ativamente do processo de construção da pesquisa. Portanto, estabeleceu-se amizades e relações com os alunos o que possibilitaram não somente ouvir com os relatos, mas observar in loco atitudes e comportamentos que contribuirão para atingir seus objetivos (GUBER, 2011). O cotidiano do grupo é importante de ser observado pelos diversos lugares de conhecimento possíveis. Para isso, serão utilizados dispositivos móveis aptos para a

captação de som e imagens, não somente pelo pesquisador, mas também pelos próprios integrantes do grupo, buscando destacar os ambientes de aprendizagem e aspectos da cultura.

A utilização de entrevistas semiestruturadas com os integrantes do grupo de alunos advindos de outros países e culturas focou as percepções que se tem dos conhecimentos tradicionais e a relação com a ciência. Por meio de análise bibliográfica foi feito um levantamento de estudos existentes sobre a relação entre conhecimentos tradicionais e ciência, enfocando especialmente possibilidades de diálogo e construção de novos conhecimentos.

Nos casos observados, em geral, percebeu-se que os acadêmicos imigrantes buscaram uma universidade brasileira com expectativas de oportunidades financeiras e profissões futuras em seu próprio país. Contudo, apesar das oportunidades, muitos se depararam com um choque cultural resultantes das grandes diferenças de costumes e crenças de uma cultura a outra. Kalervo Oberg (1954), explica que o choque cultural é uma consequência do esforço e da ansiedade pelo contato com uma nova cultura, e que há um sentimento de perda, confusão e impotência resultante distância das vivências culturais e regras sociais em que o indivíduo já estava acostumado.

Um dos alunos observados – proveniente de um país africano – durante todo o seu processo de formação, apresentou muitas dificuldades que podem ser divididas em: 1-Dificuldades com a língua; 2- A falta de compreensão do conteúdo; 3- Sentimento de frustração na vida acadêmica. Durante sua graduação, ele teve contato com a monitoria, mas logo precisou parar devido à necessidade de trabalhar para o próprio sustento. Neste processo, observou-se que os professores do curso, muitas vezes, ficavam sem saber como solucionar as dificuldades dele. Compreendeu-se que a problemática (no caso desse aluno) era resultado de dois fatores, por um lado a falta de tempo dos docentes em ensinar individualmente o conteúdo, por outro a falta de treinamento para saber lidar com outras culturas e línguas (Relato de Observação, 2022).

Com isso, compreendemos que as dificuldades externas observadas eram fruto de dificuldades internas já enfrentadas pelos alunos desde seu primeiro contato com

a nova cultura. Assim, foram aplicados questionários e entrevistas com perguntas intencionais quanto à sua adaptação local e acadêmica. No estudo de campo e observação, constatou-se que o fator marcante na aprendizagem dos alunos entrevistados, não é o conteúdo aplicado, mas as como as diferenças culturais trazem estranheza a eles no ambiente acadêmico. Em uma entrevista feita com cinco alunos de diferentes cursos e de vários países e etnias, constatou-se que a maior estranheza com a cultura e universidade brasileira estão ligados à três pontos: vestimenta, respeito aos mais velhos e respeito com professores:

Por meio deste estudo, consideramos que a academia é um ambiente de múltiplos saberes, incluindo o saber intercultural, que possui uma infinidade de conhecimentos tradicionais, que devem ser levados em consideração no processo de ensino-aprendizagem. Em sua estrutura, a universidade em questão é totalmente preparada e habilitada a ser uma instituição intercultural, pois proporciona diversas oportunidades e caminhos nesse sentido. Contudo, ainda há uma necessidade de dialogar com as questões interculturais direcionadas aos conhecimentos tradicionais junto aos docentes, por meio de treinamentos e outros, para que estes se apropriem desse diálogo. Como também, continuar a compor de projetos como o Projeto Integrar, que visa acompanhar os acadêmicos em suas dificuldades individualmente e fornecer espaços de verbalização para que eles também possam expor seus conhecimentos.

## **CONCLUSÃO**

Foi possível perceber as inúmeras possibilidades existentes de produção de novos conhecimentos nesse encontro de saberes entre os acadêmicos provenientes de outras culturas com a ciência. Contudo, também é necessário mencionar o grande abismo entre a legitimidade de tais campos de saberes. Enquanto a ciência ocupa uma posição de supremacia, os saberes tradicionais ainda não vistos como fábulas. Dessa forma, enquanto não houver valorização de tais saberes que podem ser pertinentes para pensar outros caminhos que podem vir a ser inovadores, as possibilidades não produzirão as mudanças necessárias.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento desta pesquisa, e principalmente pelo incentivo e apoio ofertados pela Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA e pelo Prof. Dr. Marcos Flavio Portela Veras, que não mediu esforços no processo de orientação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A experiência etnográfica**. Antropologia e Literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CUNHA, M. C. da. Questões suscitadas pelo conhecimento tradicional. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 55, n. 1, 2012. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2012.46971. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/46971>. Acesso em: 19 jul. 2022.

FLEURI, Reinaldo Matias, et al. **Educação Intercultural**: mediações necessárias. Rio de Janeiro, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUBER, Rosana. **La etnografía – método, campo e reflexividad**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

OBERG, K. **Cultural Shock**. 1954. Disponível em: <<https://www.smcm.edu/academics/internationalede/Pdf/cultureshockarticle.pdf>> Acesso em 10 jul. 2022.

SAID, Edward. **Orientalismo – o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

SPIVAK, Gavatri. **Pode falar o subalterno?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STALLIVIERI, Luciane. Compreendendo a internacionalização da educação superior. **Revista de Educação do Cogeime – Ano 26 – n. 50 – janeiro-junho 2017**. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-cogeime/index.php/COGEIME/article/view/729>. Acesso em: 16 nov. 2021.